



Revista Pax Domini é licenciada sob
uma Licença Creative Commons.

AS ORIGENS DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ: APONTAMENTOS BÍBLICO- TEOLÓGICOS PARA A IGREJA MODERNA

SILVEIRA, Sérgio Becker¹
RIBEIRO, Reyth da Cunha²
PALHETA, Jairo da Gama³

Resumo:

Entendendo que a espiritualidade pode ser encarada como um estilo de vida para toda pessoa cristã. Podemos afirmar que a espiritualidade cristã se desenvolve, entre outras maneiras, mas principalmente, como resultado da representatividade do texto neotestamentário destacando-se como ponto de partida para a origem e o desenvolvimento da temática em questão. Portanto, apresentamos esta pesquisa que tem como objetivo propor uma análise bíblico-teológica, em perspectiva cristã, da espiritualidade, apresentando apontamentos a partir do contexto do Segundo Testamento, onde destacamos a vida de Jesus, dos apóstolos e da primeira Igreja apontando sugestões para superação dos desafios para uma espiritualidade para a Igreja nos dias de hoje. Desta forma, esta pesquisa pretende analisar a espiritualidade como algo inerente ao ser humano, e abrir um horizonte mais amplo para a compreensão da genuína espiritualidade cristã.

Palavras-chave: Espiritualidade; Pós-modernidade; Secularismo.

Abstract:

Understanding that spirituality can be viewed as a way of life for every Christian person. We can affirm that Christian spirituality develops, among other ways, but mainly, as a result of the representativity of the New Testament text highlighting as the starting point for the origin and the development of the subject in question.

¹ Mestre em Ciências Empresariais pela Universidade Fernando Pessoa de Porto, Portugal. Bacharel em Teologia pelo Seminário Concórdia de Porto Alegre RS, Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Sul americana de Londrina, PR, Licenciado em Ciências da administração pela Universidade Fernando Pessoa de Porto, Portugal. Curso de extensão em Grego Bíblico e Psicologia Pastoral pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor de Ensino Religioso e Filosofia no Ensino Fundamental e Médio; Professor da Faculdade Boas Novas nos cursos de Ciências Teológicas e Administração e Pós-Graduação Lato Sensu. E-mail: sbeckers@uol.com.br

² Doutorando e Mestre em Teologia pela Faculdades EST em São Leopoldo/RS; Possui graduação em Ciências Teológicas e Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Boas Novas (FBN); Atualmente é professor nos cursos de Ciências Teológicas, Pedagogia e Pós-Graduação Lato Sensu na FBN. Atua como professor de Ensino Religioso, Sociologia e Filosofia no Ensino Fundamental e Ensino Médio; É pesquisador da temática de Religião no OIKOUMENE - Núcleo de Estudos e Pesquisas de Religião, Cultura e Imaginário - UFAM e Pesquisador no núcleo de Bíblia, Arqueologia e Religião - EST/RS. E-mail: reyth_ribeiro@hotmail.com

³ Bacharel em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas; Pós-Graduando em Psicologia Pastoral pela mesma IES. E-mail: jairogama2013@gmail.com

Therefore, we present this research that aims to propose a biblical-theological analysis, in a Christian perspective, of spirituality, presenting notes from the context of the Second Testament, where we highlight the life of Jesus, the apostles and the first Church pointing out suggestions for overcoming of the challenges for a spirituality for the Church today. In this way, this research intends to analyze spirituality as something inherent to the human being, and open a wider horizon for the understanding of genuine Christian spirituality.

Keywords: Spirituality; Postmodernity; Secularism.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por tema “As origens da espiritualidade cristã: apontamentos bíblico-teológicos para a Igreja moderna”, tema que emerge a partir de reflexões, inquietações e discussões acerca de novos modelos de espiritualidade na vida das comunidades cristãs. Existe uma necessidade de se refletir acerca da espiritualidade, pois a temática tem sido um dos assuntos bastante presente e debatidos não só em movimentos eclesiais, como também em empresas, escolas e nas mais diversas instituições sociais na atualidade.

Devido à ambiguidade humana, a espiritualidade é influenciada por traços particulares de cada época, como os valores, crenças e a cosmovisão de cada cultura, surgindo assim, inúmeros paradigmas de espiritualidade. Neste sentido, a academia deve estar atenta às várias formas de espiritualidade que encontramos nos dias atuais, e assim, colaborar com estudos e pesquisas.

Percebe-se no ser humano uma necessidade existencial concreta na busca por sentido e respostas para a vida em sua realidade. Deste modo, pretende-se demonstrar aqui, que essa busca é inerente a espiritualidade do ser humano, e que essa espiritualidade o faz refletir sobre a realidade contextual do mundo, e que, como sujeito histórico, ele mesmo interage com sua realidade.

Conhecer a espiritualidade humana tornou-se importante para o campo teológico. Analisar o conceito de espiritualidade na cosmovisão cristã, e elencar os desafios que a pós-modernidade trouxe, se faz relevante e oportuno ao cristianismo atual e à sociedade. Desta forma, esta pesquisa vem contribuir para a reflexão teológica da espiritualidade no exercício da vida cristã, sendo fundamental para uma

releitura sobre a forma de compreender a espiritualidade num cenário contextualizado.

1. AS ORIGENS DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Para falarmos de espiritualidade cristã em suas origens não podemos deixar de mencionar, em seus antecedentes, a experiência de Jesus Cristo bem como a dos primeiros cristãos. Para tanto precisamos nos situar no texto neotestamentário para avaliar a origem e desenvolvimento da espiritualidade naquele contexto amplo de transformações na sociedade judaica, principalmente no que tange as suas instituições religiosas.

Para tanto, constitui-se, entre os nossos propósitos, a espiritualidade nas suas origens, iniciando-se pela espiritualidade de Jesus Cristo, o qual para os primeiros cristãos teve uma vida humana e espiritual. Desse modo, é na humanidade de Cristo, que se poderá ver a essência de Sua espiritualidade. Na sequência, se observará a espiritualidade do apóstolo Paulo, mais conhecido como o “apóstolo aos gentios”. É possível aprender sobre a espiritualidade desse Apóstolo por meio de seus escritos, como as cartas e epístolas, bem como por meio do que escreveram acerca dele. E por fim, se discorrerá sobre a espiritualidade dos primeiros cristãos da Igreja Primitiva – dos quais muitos foram contemporâneos de Paulo – observando suas vidas através dos textos neotestamentários.

Diante do exposto, espera-se compreender no decorrer do capítulo, a espiritualidade como algo inerente ao ser humano. Pretende-se destacar o assunto proposto de forma objetiva e direta, limitando-se apenas ao primeiro século como forma introdutória desta pesquisa, evitando, no entanto, o erro da superficialidade, e esforçando-se para descrever todas as bases que compõe a espiritualidade, ou seja, a espiritualidade cristã.

1.1 A Espiritualidade de Jesus

No primeiro século da era cristã, foi possível perceber que os judeus tinham um zelo muito grande com a sua religião, principalmente no que concerne aos detalhes dos rituais e liturgia veterotestamentária. Vejamos a seguir uma breve descrição sobre a religião judaica na época do Novo Testamento:

Israel tinha uma lei desde a época de Moisés. Mas depois do exílio e da destruição do Templo, Esdras (no século 5 a.C) liderou um movimento de estudo intensivo da lei, [...] Os escribas, que eram os estudiosos profissionais e guardiões da Lei e das tradições, elaboravam regras exatas para todas as ocasiões [...] O ensinamento dos escribas pretendia ajudar o povo a obedecer a Lei, mas [...] às vezes o zelo pelos detalhes ofuscava as questões fundamentais da Lei (Mc 7.1-13; Mt 23.23) [...] Seu zelo pela observação meticulosa da Lei (principalmente em questão de pureza ritual na alimentação) limitava seu contato com judeus menos escrupulosos, [...] Esta separação, bem como a tendência de dar mais valor à exata observação de ritos do que a princípios amplos como o amor e a misericórdia fez com que entrassem em conflito com Jesus.⁴

Nota-se, que era perceptível o estereótipo da religião judaica na época de Jesus, pois a mesma tinha grande cuidado com as vestes, textos sagrados que muitas vezes usava-se em partes do corpo, até mesmo o simples ato de lavar as mãos antes de comer, indicava uma autêntica espiritualidade.

Percebe-se, que ao invés dos líderes religiosos do povo promover – através da observação dos dogmas, ritos, liturgias e celebrações de sua religião – a boa convivência entre as pessoas de modo a surgir harmonia, paz, liberdade, amor e principalmente a igualdade social entre os judeus, acontecia o contrário, ou seja, surgia uma opressão sobre o povo através do legalismo religioso. Sobre essa opressão religiosa que marca também a época de Jesus, Boff afirma o seguinte:

A verdadeira opressão, contudo, não residia na presença do poder romano, mas na interpretação legalista da religião e da vontade de Deus corroborada especialmente pelos fariseus. A lei, que devia auxiliar a encontrar o caminho para Deus, degenerara com o peso das tradições, das interpretações rabulísticas e das minúcias mesquinhas, numa terrível escravidão imposta em nome de Deus [...] Os fariseus observavam tudo

⁴ ALEXANDER, Pat; ALEXANDER, David (Eds.). **Manual Bíblico SBB**. Tradução Lailah de Noronha. 2ª ed. Revisada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 528-529.

ao pé da letra e aterrorizavam o povo, obrigando-o a também observar tudo estritamente.⁵

É nesse contexto, que é possível observar a espiritualidade de muitos judeus e, principalmente, a dos fariseus por pertencer à liderança religiosa do povo, se confrontando com a espiritualidade de Jesus, pois este, não tinha como medida da espiritualidade humana os aspectos religiosos adotados em seu tempo. Percebe-se, que o judaísmo criava uma dicotomia das ações sociais em relação às ações espirituais do fiel, ou seja, um judeu fazendo compras ou passeando com a família seria apenas uma atitude social, enquanto que, se ele estivesse indo para o templo recitando trechos dos escritos sagrados era considerada uma atitude genuinamente espiritual.

Jesus é reconhecido pelos cristãos como o detentor de uma espiritualidade ímpar, da qual, qualquer pessoa poderia tomar como exemplo e base para sua vida. Quanto à espiritualidade de Jesus, Boff afirma que Ele possuiu duas experiências de base, que servem até hoje como verdadeiras colunas que sustentam a religião cristã como caminho espiritual e como igreja, a saber: uma experiência mística e uma experiência política.⁶

Concernente a primeira experiência de base que Jesus teve, o autor descreve que:

A primeira, a mística, é a experiência de sentir-se Filho de Deus. Ela se expressa pela palavra *Abbá*, que nos vem diretamente da boca do Jesus Histórico. *Abbá* é a linguagem das crianças para com seus pais e avós. Traduz confiança, entrega, enternecimento e total aconchego. *Abbá* significa simplesmente “meu querido paizinho”. Esse *Abbá*-Paizinho tem todas as características da mãezinha, porque é cheio de infinita misericórdia, porque perdoa os ingratos e maus [...] Ele abriu a possibilidade de nós também fazermos esta experiência de Deus como Paizinho e de nos sentirmos como seus filhos e filhas queridos.⁷

Percebe-se, que a mística de Jesus, desenvolveu-se na experiência das relações íntimas que ele tinha com o *Abbá*-Pai. Um desses momentos era quando

⁵ BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus**: a transparência de todas as coisas. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 90.

⁶ BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

⁷ BOFF, 2006, p. 21.

se isolava para meditar ou orar, enfim, conversar com seu Abbá, a quem chamava com respeito. Entende-se também, que esse Jesus histórico foi um homem de fé, pois Ele também orava, jejuava, estudava os textos sagrados para aperfeiçoar Sua experiência de fé. O Evangelho de Lucas 6.12, diz que: “Naqueles dias, ele foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus”.⁸

Portanto, nota-se que essa intimidade que Jesus tinha com Deus a quem chamava de Abbá, “meu Pai querido”, era o eixo central da sua espiritualidade, que O fortalecia interiormente para o desafio dos conflitos de sua vida pública, o qual o autor denomina como “experiências políticas de Jesus”.

A segunda experiência de Jesus tinha característica político-religiosa, pois:

Ela se expressa em sua pregação. Ele não pregou a igreja, nem a si mesmo, nem as tradições dos antepassados. Ele anunciou o Reino de Deus que está iminente e que já se encontra em nosso meio. Reino de Deus significa a política que o Pai conduz na história e em sua criação. Reino de Deus é aquela presença ativa e revolucionária de Deus dentro do universo: presença cósmica, comunitária, social, pessoal, presença íntima a cada pessoa humana. Porque é dentro de cada pessoa que está o Reino de Deus, é a partir do interior de cada ser humano que Deus mesmo produz transformações. O Reino de Deus é a presença transformadora de um Deus que se acercou de nós e veio buscar o que é seu: seus filhos e filhas, para resgatá-los, purificá-los, e eles e a tudo o que os cerca, a natureza e o universo [...] Mas essa transformação não começa e termina no interior de cada ser. A partir do interior, ela desencadeia uma rede de transformações na comunidade, na sociedade, nas relações com a natureza e com o universo inteiro.⁹

Conforme o texto acima entende-se que a espiritualidade de Jesus no âmbito da sua vida social, é anunciar a boa nova do Reino de Deus. Porém esse Reino, para o autor, é o exercício de uma vida ativa na sociedade, de modo a transformá-la em um lugar de convívio social, em harmonia consigo mesmo, com o próximo, com o Divino e com todo o universo. Trata-se do Reino o qual Jesus anunciou com seu testemunho pessoal, realizado com respeito, lealdade, ética, obediência, e principalmente com amor, base primordial de sua espiritualidade tanto na esfera mística quanto na esfera política.

⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1798.

⁹ BOFF, 2006, p. 22, 23.

Assim, percebe-se que é por causa dessa relação indissolúvel entre a espiritualidade mística e espiritualidade política encontrada em Jesus, que Ele se depara com os conflitos, debates, acusações, tramas e perseguições por parte dos líderes religiosos de seu tempo, principalmente com os fariseus. Esses líderes pensavam que detinham a verdadeira espiritualidade, medindo esta, pela observação irrestrita das leis mosaicas. Veja que:

A lei, ao invés de auxílio, tornou-se uma prisão dourada, mas sempre prisão. Querendo se auto assegurar da salvação, o ser humano se fechou sobre si mesmo contra os outros e, por fim, contra o Deus vivo. Para o fariseu, viva é a lei e não Deus. Transmitem um conceito fúnebre de Deus, pois Ele não se fazia presente, era como se estivesse morto e tivesse deixado como testamento um amontoado de leis e normas a garantirem a além-vida no seio de Abraão.¹⁰

Nota-se que, na espiritualidade dos fariseus, a virtude é necessária para ter o direito de se aproximar de Deus. Se o homem está bem, ele está próximo de Deus, porém, se sua vida for cheia de contradições, infidelidades e maldades – que é natural de todo ser humano – ele torna-se indigno de aproximar-se do Deus Todo Poderoso. O legalismo farisaico se torna um fardo pesado para aqueles que buscam sentir-se aceitos e amados por Deus, mesmo com todas as suas limitações humanas.

Todavia, percebe-se em Jesus, que sua espiritualidade é o inverso, pois Ele sugere através de sua vida e de seus ensinamentos que homens e mulheres devem deixar-se amar por Deus para serem virtuosos, e não serem virtuosos por seus méritos para se chegar a Deus. Para Boff, Jesus consegue promover nas pessoas um encontro especial e íntimo de amor e gratidão com seu Abbá-Paizinho, selando, dessa forma, uma “ética de amor incondicional, de perdão ilimitado e de confiança irrestrita” nos desígnios de Deus, seu Paizinho¹¹. Desse modo, pode-se deduzir que:

Espiritualidade tem a ver com experiência, não com doutrina, não com dogmas, não com ritos, não com celebrações, que são apenas caminhos institucionais capazes de nos ajudar a alcançá-la, mas que são posteriores

¹⁰ BOFF, 2012, p. 90, 91.

¹¹ BOFF, 2006.

a ela. Nasceram da espiritualidade, podem até contê-la, mas não são a espiritualidade.¹²

Diante do exposto, vale ressaltar aqui, que Jesus conseguiu mostrar o rosto de Deus de uma maneira puramente humana, promovendo a aproximação das pessoas e anunciando que Deus é um Pai que ama, acolhe e perdoa, e que não se prende e nem se limita as instituições humanas como caminho genuíno para Ele. Dessa forma é possível compreender que o Reino de Deus anunciado por Jesus, através da boa nova, não se constitui num conjunto de informações sistematizadas, mas de atitudes reais em prol das pessoas indistintamente, especialmente das que estavam sofrendo.

Concernente a espiritualidade de Cristo como um paradigma a ser seguido, Lopes discorda ao escrever que:

Também gostaria de ver mais claramente explicado o que significa “imitar Jesus” como uma das características da vida cristã. Pois, até onde sei, Jesus não era cristão. A religião dele era totalmente diferente da nossa. Nós somos pecadores; Jesus não era. [...] É desse tipo de definição e esclarecimento que sinto falta na literatura da espiritualidade, que constantemente se refere à imitação de Cristo sem maiores qualificações. [...] Quando o Novo Testamento fala em imitarmos Cristo, é sempre em sua disposição de renunciar a si mesmo para fazer a vontade de Deus, sofrendo mansamente as contradições.¹³

É certo que Jesus não era cristão, porém, é justamente nesse imitar a Cristo que se baseia a espiritualidade cristã. Pois, percebe-se, que Jesus estando inserido em seu contexto religioso, não permitiu que sua espiritualidade se limitasse aos dogmas e tradições religiosas de seu tempo, todavia, relacionava-se com todos sem preconceitos sociais, culturais, ideológicos, raciais, políticos e religiosos. Portanto, entende-se que para Jesus, essa disposição de renunciar a si mesmo, aumenta o campo que a espiritualidade pode alcançar, ou seja, torna-se para além da religião, das doutrinas, dos dogmas, das imposições legalistas, e que, em qualquer âmbito da atividade humana, pode-se estar dentro da vontade de Deus.

¹² BOFF, 2006, p. 43.

¹³ LOPES, Augustus Nicodemus. **O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 166, 167.

O que Lopes não deixa claro em sua afirmação é o que significa para ele, “fazer a vontade de Deus”. Todavia, nota-se, que a espiritualidade de Jesus, envolveu sua vida de forma integral e não dicotômica, e por isso, Ele ofereceu cura ao doente, pão ao faminto, esperança para aquele que não possuía o sentido da vida, libertação aos oprimidos, e, até mesmo, perdão aos pecadores.

Analisando a pessoa, o testemunho e a vida de Jesus de forma integral, sem aquela dicotomia da espiritualidade arraigada no pensamento religioso dos fariseus, é possível destacar que:

A espiritualidade vive da gratuidade e da disponibilidade, vive da capacidade de enternecimento e de compaixão, vive da honradez em face da realidade e da escuta da mensagem que vem permanentemente desta realidade. Quebra a relação de posse das coisas para estabelecer uma relação de comunhão com as coisas. Mas do que usar, contempla.¹⁴

Aqui, é possível observar que a espiritualidade de Jesus baseava-se em um modo de ser, e não somente de parecer, como os fariseus. Nota-se, que Jesus, espontânea e deliberadamente, focou sua atividade à vida e a libertação das pessoas que, certamente, estavam inseridas nas realidades concretas da sua comunidade. No Evangelho de Lucas 4:18-19 é narrada a afirmação de Jesus sobre a Sua missão:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor.¹⁵

Nisto, percebe-se que o “amor” era a mola propulsora da espiritualidade e atividade de Jesus em detrimento da falsa espiritualidade dos religiosos de sua época; para Jesus a vida recebe sentido quando existe amor. Por isso, Jesus ressaltou um mandamento aos seus seguidores narrado no Evangelho de João, a saber, “Este é meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei.

¹⁴ BOFF, 2006, p. 45, 46.

¹⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2011, p. 1795.

Ninguém tem maior amor do aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15:12-13). Nota-se que o mandamento é amar sem limites.

Jesus, então, enfatiza este mandamento como eixo central de sua vida espiritual, e que, em virtude de Sua fidelidade aos desígnios que seu Pai lhe deu, segue com esse compromisso até a morte na cruz. No entanto, é de comum conhecimento, que sua vida não finda numa cruz, antes continua e prossegue presente na história, e seguido por muitos como um genuíno modelo de espiritualidade, principalmente por seus discípulos. Resumindo, nota-se que os evangelhos deixam entender que a espiritualidade de Jesus era formada dos seguintes elementos: *orar, ouvir, pensar, testemunhar e agir*.

1.2 A Espiritualidade Paulina

Percebe-se, que depois da morte de Jesus, há pouco mais de dois mil anos atrás, muitas pessoas abraçaram a fé cristã como um modo de viver. Sabe-se, que seus discípulos deram continuidade aos ensinamentos deixados por Ele, daí surgiu o cristianismo como religião.

Franklin Ferreira apresenta bem esta ideia quando afirma que, “sem o Cristo histórico não haveria cristianismo. A sua força e singularidade estão neste fato, melhor dizendo: na pessoa de Cristo, não simplesmente nos seus ensinamentos. O cristianismo é o próprio Cristo”.¹⁶ Percebe-se a ênfase que o autor dá na pessoa de Cristo, ou seja, na sua forma de viver, no seu exemplo de vida, e, não somente nos seus ensinamentos.

É neste cenário que surge o Apóstolo Paulo, que, em certo momento de sua vida, encontrou o sentido de sua existência nos ensinamentos e vida de Jesus. Antes de analisar a espiritualidade de Paulo propriamente dita, descrever-se-á um pouco sobre a sua vida antes de sua conversão.

De acordo com Lopes, sabe-se que:

¹⁶ FERREIRA, Franklin. **Servos de Deus**: espiritualidade e teologia na história da igreja. São José dos Campos: Editora Fiel, 2014, p. 13.

[...] Paulo era judeu por nascimento. Em sua defesa em Jerusalém, após sua dramática prisão, teve a oportunidade de se dirigir à multidão alvoroçada, dizendo: “Eu sou judeu, nasci em Tarso da Sicília...” (At 22.3) [...] Paulo foi criado dentro da fé judaica [...] Seus pais o educaram na fé judaica, uma vez que foi circuncidado ao oitavo dia (Fp 3.5). Desde sua infância, bebeu o leite da piedade e aprendeu os preceitos da lei de Deus [...] Ele se destacava dentro do judaísmo. Chegou mesmo a declarar: “E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais” (Gl 1.14) [...] Paulo foi educado em Jerusalém aos pés de Gamaliel [...] o maior e mais ilustre rabino daquela época, homem culto, sábio e piedoso [...] Paulo tinha uma vasta cultura secular. Paulo era um erudito. Seu conhecimento transcendia o campo religioso [...] Paulo era um poliglota, ou seja, falava vários idiomas [...] Paulo era um fariseu, membro da seita mais rigorosa dos judeus [...] Diante do rei Agripa, quando estava sendo acusado, em Cesaréia, disse: “...porque vivi fariseu conforme a seita mais severa da nossa religião” (At 25.5) [...] Paulo era membro do sínédrio judaico [...] o sínédrio era o concílio maior dos judeus, composto de setenta homens maduros, cuja função principal era legislar e julgar a vida religiosa e moral do povo judeu [...] Paulo era um cidadão romano. Paulo mesmo sendo filho de judeus, era cidadão romano (At 22.27), pois nasceu numa província romana, em Tarso da Sicília.¹⁷

Lopes mostra claramente que Paulo recebeu a influência das culturas helenística e judia, ele pertenceu aos judeus da diáspora – judeus que viviam fora da Palestina – onde teve o contato com ambiente grego de onde ele assimilou a língua e outras características que marcaram seu pensamento e vida. É relevante dizer que, sua raça e religião, eram de origem judaica, como bem citada acima.

Percebe-se, que toda a vida de Paulo antes de sua conversão, foi rodeada de educação, orgulho, liberdade, religiosidade, intelectualidade, patriotismo e de certo poder. Desse modo, pode-se conjecturar que Paulo tinha muito apreço às tradições do povo judeu. Nota-se, que ele pertenceu ao sínédrio, foi educado por um dos grandes rabinos de sua época, chamado Gamaliel, era irrepreensível no cumprimento da lei, e, portanto, foi um grande adversário dos discípulos de Cristo.

Sobre a conversão de Paulo, pode-se compreender de forma sucinta através de Cairns que afirma o seguinte:

A conversão de Paulo também foi um evento histórico objetivo. Ele se referiu a ela dessa forma em 1 Coríntios 9.1 e 15.8 e em Gálatas 1.11-18. Ela foi resultado de seu encontro com Cristo na estrada para Damasco (At

¹⁷ LOPES, Hernandes Dias. **Paulo, o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 11-15.

9; 22; 26). Essa experiência foi vital para seu trabalho missionário, ensino, escritos e teologia.¹⁸

E de Bruce, quando afirma:

A vida cristã de Paulo, portanto, começou como uma experiência em que o Senhor ressurreto lhe apareceu e falou com ele, e seu curso subsequente foi marcado por outras experiências semelhantes, atestadas por ele e por Lucas.¹⁹

Observa-se, que o encontro de Paulo com o Jesus ressurreto, trouxe para esse Apóstolo uma experiência extraordinária, que gerou uma mudança radical em sua história, e, a partir daí, Paulo apresentou um novo modo de ser, de viver, de pensar e de agir, que influenciou a sua espiritualidade, tanto que, de perseguidor passou a ser um destacado seguidor de Jesus Cristo.

E, ao se falar da experiência de Paulo no âmbito místico – pois este acontecimento com ele foi algo extraordinário – é indispensável refletir sobre a experiência como parte da espiritualidade humana, pois o conhecimento que se adquire nas experiências, torna-se fundamental para a relação do homem consigo mesmo, com o próximo, com a natureza e com o Divino. Percebe-se, que a experiência é um dos fatores que move a espiritualidade humana num aperfeiçoamento contínuo, através da qual o Divino se manifesta ao homem a partir das circunstâncias da vida, das relações interpessoais, de todo o contexto sócio cultural e da história pessoal de vida.

Sobre espiritualidade, no livro de Colossenses 2.18-19, Zabatiero analisa Paulo combatendo uma espiritualidade não-cristocêntrica, ou seja, a espiritualidade através de uma “experiência extática e extraordinária”, e afirma que:

Os mestres da espiritualidade não-cristocêntrica enfatizavam a obediência aos preceitos legais e o valor das experiências extáticas como caminho da espiritualidade. Com base em suas visões e “unções”, colocavam-se como juízes contra os colossenses, desprezando a sua caminhada espiritual cristocêntrica e solidária. Negaram a mística comunitária e cotidiana da

¹⁸ CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. 3ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 54.

¹⁹ BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da graça**: sua vida, cartas e teologia. Tradução Udo Fuchs. São Paulo: Shedd Publicações, 2003, p. 138.

transformação do caráter pela renovação da mente, e substituíram-na pela mística individualista da busca de galgar degraus da vida dita “espiritual”.²⁰

Nota-se, que na época de Paulo, também existiram aqueles que se achavam mestres da espiritualidade, impondo para os colossenses, o legalismo religioso acerca da espiritualidade, considerando correto e legal a obediência à prática das *experiências extáticas* como verdadeiro caminho da espiritualidade, e, valorando, a experiência religiosa individual como única forma de conhecer a Deus. Todavia, percebe-se, que esses mestres desprezavam a vida espiritual dos colossenses, que tinham em Cristo um paradigma de como realizar suas atividades diárias com ética, solidariedade, tolerância, amor e outras virtudes que fazem parte da espiritualidade humana e, que resultam de um relacionamento íntimo, particular e subjetivo do homem com Deus. Zabatiero ressalta ainda que:

Paulo não é, em absoluto, contrário às experiências extáticas e extraordinárias. Ele mesmo afirmou falar em línguas, [...] contudo, restringia a sua atuação em benefício da igreja (1Co 14:18,19). [...] Afirmou aos romanos que sua ação missionária se dava em meio a sinais e prodígios pela força do Espírito Santo (Rm 15:18s), mas não permitiu que esses sinais nublassem os seus critérios éticos e teológicos para a missão, [...] Em outra ocasião, relatou uma experiência visionária tão extraordinária que não lhe fora permitido narrar detalhadamente (2Co 12:1-6). Não considerou, porém, essa experiência visionária como o caminho da espiritualidade; [...] Se a proposta da espiritualidade estiver centrada no poder e prestígio das experiências extraordinárias, o juízo da palavra de Deus é enfático: “a minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12:9). A fraqueza, aqui, não é sinônima de tradicionalismo, racionalismo ou conservadorismo litúrgico, mas é a condição humana de falta de energia, de incapacidade para viver de acordo com a vontade de Deus. É essa fraqueza que não é superada com manifestações extraordinárias.²¹

Nisto percebe-se, que para Paulo, essas experiências extáticas e extraordinárias não eram o único caminho para a espiritualidade, pois para ele, a espiritualidade é resultado do compromisso com os ensinamentos e ordenanças de Cristo, que por sua vez também resulta num comportamento com ética, moral, respeito, honestidade, compaixão, auxílio, compromisso, amor e outros diante da

²⁰ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 83.

²¹ ZABATIERO, 2005, p. 83.

sociedade. Independente de todos os desafios que enfrentou em sua vida cotidiana, ainda assim, Paulo apresentou uma espiritualidade exemplar, digna de aceitação. Percebe-se que ele sabia que sua vida era composta por fraquezas em sua condição humana, fraqueza no sentido de ser incapaz de viver uma espiritualidade em sua plenitude enquanto homem, mas ao mesmo tempo, sabia que pela graça de Deus poderia conhecer a Revelação Dele e experimentá-Lo em sua realidade humana.

Veja que mesmo Paulo vivendo uma experiência espiritual e individual, não permitiu que essa espiritualidade subjetiva interferisse na espiritualidade do outro, ou do grupo como um todo, ou seja, para ele, era também importante a valoração dos critérios éticos e teológicos do indivíduo como igreja, que por sua vez gerava a responsabilidade intelectual de compreender a sua missão, objetivos, realidade existencial, pensamentos, compromissos e outras atividades da esfera humana.

De acordo com Fee, Paulo compreendia que a espiritualidade envolvia tanto a dimensão física como a espiritual do homem, pois ambas são indissociáveis. Vale ressaltar que Paulo:

Refletindo o pensamento da época, que fazia nítida distinção entre a esfera física, ou seja, da realidade material, e a esfera imaterial, invisível (dualismo helenístico), alguns coríntios estavam insinuando que o espírito humano não era afetado pelo que acontecia com o corpo, incluindo envolvimento sexual com prostitutas. Mas Paulo não admite nada disso. O Deus que nos criou à sua imagem criou o corpo e também o espírito, e assim declarou que a ordem material deveria ser boa [...] Neste estágio final da discussão com eles, Paulo apela para a presença do Espírito na vida dos coríntios no contexto da obra salvífica de Cristo. Ao “comprá-los” para a glória de Deus, Cristo também comprou seus corpos, como testemunhado pelo Espírito Santo, de quem agora eles são templo, pois Deus habita não em templos feitos por mãos humanas, mas em templos edificadas por suas mãos [...] Neste texto, bem como em 2Coríntios 2.14 – 4.6, está o segredo da espiritualidade de Paulo e da compreensão que ele tinha do Espírito em sua vida. Ambos os textos finalmente se voltam para o homem exterior, isto é, o objetivo desta dimensão da vida no Espírito não consiste simplesmente de contemplação, mas do comportamento ético gerado pelo Espírito. De modo algum a dimensão pessoal pode ser posta de lado [...] Cabe ao povo de Deus de uma época posterior como a nossa aprender uma vez mais essas realidades *experimentando-as*, para que de fato possamos captar o pensamento de Paulo.²²

²² FEE, Gordon D. **Paulo, o Espírito e o povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 42-45.

A partir da análise das afirmativas acima é possível perceber que Paulo não concebia a ideia do ‘dualismo helenístico’ de sua época, que foi influenciada pela filosofia platônica, onde o espírito e o corpo são dissociáveis, ou ainda, como duas partes opostas do ser humano, onde se deve cuidar melhor de uma em detrimento da outra. Observa-se que os coríntios chegaram ao ponto de dizer que o espírito não era contaminado pelas práticas do corpo, isso porque:

Esta doutrina de uma constituição tríplice do ser humano adotada por Platão foi parcialmente introduzida na Igreja primitiva, mas logo veio a ser considerada danosa, se não herética. Os gnósticos sustentaram que o *pnêuma* no homem era parte da essência divina e incapaz de pecar.²³

A partir dessa discussão de Paulo com os coríntios acerca da espiritualidade, ou seja, da vida após a conversão e o viver no Espírito, Paulo diz que agora eles são ‘o templo do Espírito Santo’, e que, essa experiência no Espírito resultaria neles um comportamento ético, e que, dessa forma, externaria uma espiritualidade encarnada na vida concreta, na realidade existencial, no âmbito social e político.

Percebe-se, que ao se falar da espiritualidade de Paulo, é imprescindível que se entenda, mesmo que de forma resumida, o pensamento dele em relação à natureza humana. De acordo com Rosa, em sua dissertação de mestrado, ela informa que:

Assumindo que existiam expressões dualistas no judaísmo nos tempos do apóstolo devido às influências helenistas, devemos afirmar que a principal fonte da antropologia paulina é o monismo veterotestamentário. Assim, em conformidade com o significado de *néfesh*, em Paulo *psyché* “nunca simboliza a parte superior da pessoa (Paulo nunca reúne *sôma* e *psyché* como as duas partes do todo) ou uma ‘alma’ desencarnada e imortal.”²⁴

Veja que para o autor, a base do conhecimento da natureza humana em Paulo era o monismo veterotestamentário. Monismo é a “Doutrina que assevera o homem ser portador de uma única natureza: a matéria”²⁵. Diante disso, pode-se

²³ HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 521.

²⁴ ROSA, Wanderley Pereira da. **O dualismo na teologia cristã**. A deformação da antropologia bíblica e suas consequências. Dissertação de Mestrado em Teologia. São Leopoldo: Faculdades EST, 2010, p. 82. Disponível em: <http://www.http://tede.est.edu.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2010-03-08T103606Z-70/Publico/rosa_wp_tm214.pdf> Acesso em: 15 jun. 2016.

²⁵ ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário Teológico**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 269.

inferir que Paulo estudou as escrituras veterotestamentária, e aprendeu que o homem é uma alma encarnada, sem a ideia de uma alma desencarnada e imortal. Daí, portanto, seu entendimento sobre a ressurreição do corpo citado em todo o capítulo 15 de I Coríntios. Já de acordo com Hodge,

As Escrituras nos ensinam que Deus formou o corpo humano do pó da terra, e soprou nele o fôlego de vida, e ele tornou-se alma vivente. Com base neste relato, o homem se compõe de dois princípios distintivos: corpo e alma – um material, o outro imaterial; um corpóreo, o outro espiritual. Nesta declaração está envolvido, primeiro, que a alma do homem é uma substância; e, segundo, que ela é uma substância distinta do corpo. De modo que na constituição do homem, estão incluídas duas substâncias distintas.²⁶

A partir da compreensão deste autor sobre a natureza do homem, pode-se deduzir que na perspectiva paulina, a espiritualidade envolvia o ser humano como um todo, ou seja, corpo e alma, pois para Paulo, era inconcebível a ideia de um corpo sem sua outra dimensão, a alma, e, que juntos, formam a pessoa enquanto ser vivo.

Diante de tudo que até aqui foi descrito sobre a espiritualidade de Paulo, vale ressaltar, que o modelo de vida no Espírito que ele conseguiu demonstrar, foi experimentado por muitos cristãos depois dele. Bruce informa que “O Espírito derrama o amor de Deus no coração dos crentes e os torna cada vez mais conforme o caráter de Cristo”²⁷, e, ainda de acordo com o autor, Paulo adverte os cristãos dizendo que cada crente irá prestar contas a Deus de todas as atitudes tomadas no “aqui e agora”.

Deste modo, se faz necessário refletir numa espiritualidade prática e cristocêntrica. Prática no sentido de ser expresso nas virtudes do fruto do Espírito citadas por Paulo em Gálatas 5.22; e cristocêntrica, por seguir os paradigmas da vida de Cristo, abandonando a auto-suficiência humana e abrindo-se para a realidade do mundo, e assim, testemunhando uma autêntica espiritualidade de compromisso e serviço. Ademais, o próximo subtítulo irá descrever a respeito da

²⁶ HODGE, 2001, p. 515.

²⁷ BRUCE, 2003, p. 135.

espiritualidade dos primeiros cristãos que abraçaram o legado da espiritualidade de Jesus.

1.3 A Espiritualidade dos primeiros cristãos

As informações a respeito de como se prosseguiu a vida dos primeiros discípulos de Jesus – discípulos aqui, no sentido amplo da palavra, não se limita apenas aos doze, mas a todos que resolveram se unir a nova fé – após a sua ascensão²⁸ é demonstrada basicamente em Atos dos Apóstolos 2.42-47 e 4.32-35. Nestas passagens, é possível perceber a vida pessoal, social, econômica e espiritual dessa primeira comunidade cristã. Assim é narrado em Atos 2.42-47:

Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunidade fraterna, à fração do pão e as orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo.²⁹

E, em Atos 4.32-35 da seguinte forma:

A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum. Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor, e todos tinham grande aceitação. Não havia entre eles necessitado algum. De fato os que possuíam terrenos ou casas, vendendo-os, traziam os valores das vendas e os depunham aos pés dos apóstolos. Distribuía-se então, a cada um, segundo sua necessidade.³⁰

Percebe-se ao longo da história da igreja, que o modelo de espiritualidade dos primeiros cristãos foi se desenvolvendo. Desde a Igreja antiga até os dias

²⁸ De acordo com o ALEMIDA, 2013, significa: Subida corpórea do Cristo ressurecto aos céus após haver cumprido o seu ministério terreno.

²⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2011, p. 1905.

³⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2011, p. 1908.

atuais, cada época apresentou uma espiritualidade com características e peculiaridades de seu tempo. Todavia, importante para a reflexão deste capítulo, será a espiritualidade dos cristãos no primeiro século, e posteriormente em outro capítulo, dos cristãos nos dias de hoje.

Diante dos textos bíblicos acima citados, é possível notar que os cristãos do primeiro século abraçaram o modelo de vida que Jesus havia deixado. Este modelo implicava nas atividades do ser humano em qualquer âmbito da vida social, ou seja, refletia em seu modo de ser, pensar e agir. Talvez Frei Betto sintetize bem o pensamento destes cristãos, pois “aquele que se abre à presença de Deus em sua vida, age como o próprio Jesus agiu – deixa-se conduzir pelo Espírito”.³¹

Tendo em vista a importância dada ao culto e à vida em comunhão dessa primeira comunidade cristã, pode-se entender esta, como uma forma inicial e fundamental de sua espiritualidade. Segundo Fátima Silva além de Atos dos Apóstolos, pode-se encontrar em outras literaturas dessa mesma época, textos que descrevem sobre a vida e espiritualidade dessa comunidade cristã que emerge no primeiro século. Destes escritos são conhecidos alguns como: a Didaquê, o Pastor de Hermas, a Carta de Barnabé, a Carta a Diogneto e outros. De acordo com Teixeira, Müller e Silva (2004) esses textos apresentam uma prática da vida espiritual no que tange aos jejuns, orações, ações, trabalhos eclesiais, batismo, eucaristia, escatologia e outras atividades desses primeiros cristãos.³²

Portanto, é em Jesus Cristo que a espiritualidade dos primeiros cristãos tem seu ponto de partida, levando em consideração a realidade humana. A espiritualidade dessa primeira comunidade cristã, de acordo com Fátima Silva, “Distinguem-se por sua conduta moral. Mesmo com suas fraquezas o comportamento dos cristãos se destaca e são admirados pela prática do amor fraterno e seu cuidado para com os pobres, órfãos, viúvas e sofredores”.³³

³¹ ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário Teológico**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 81.

³² SILVA, Aparecida de Fátima. **Síntese histórica da espiritualidade cristã católica**: Caminhos do Espírito. Campinas, 2014.

³³ SILVA, 2014, p. 7

Em sua obra, *História Ilustrada do Cristianismo*, González informa que no segundo século, um Bispo de Antioquia chamado Teófilo escreveu três livros a um sujeito pagão chamado Autólico.³⁴ Esse terceiro livro, descreve a vida desses primeiros cristãos, assim Teófilo afirma:

Entre eles há temperança, exercita-se a continência, observa-se a monogamia, guarda-se a castidade, aniquila-se a injustiça, arranca-se o pecado pela raiz, medita-se a justiça, cumpre-se a lei, pratica-se a religião, confessa-se a Deus, a verdade decide como árbitro, a graça guarda, a paz protege, a palavra santa dirige, a sabedoria ensina, a vida decide e Deus reina.³⁵

Diante de todas essas ações como o culto, a liturgia, a oração, a partilha dos bens, a caridade, o martírio, dentre outras, percebe-se que não havia a separação da fé e a vida humana. Daí a necessidade de uma análise para compreender-se a espiritualidade nos primórdios do cristianismo.

Fátima Silva ainda sugere algumas características que serviram como modelo da espiritualidade nas primeiras comunidades cristãs, para a autora, essa espiritualidade seria Cristocêntrica, Carismática Escatológica, Litúrgica, Ascética e Comunitária.³⁶

Sobre essas características da espiritualidade na igreja primitiva, descrever-se-á a princípio, o paradigma cristocêntrico. Na verdade, esta é a principal característica desses primeiros cristãos acerca de sua espiritualidade, pois esta está centralizada na pessoa de Cristo. Segundo Fátima Silva, pelo batismo esses cristãos professam sua fé em Jesus Cristo; em Cristo Jesus todos são filhos e filhas de Deus; pela entrega, testemunho e martírio suas vidas são unidas a Jesus; Jesus é o único caminho. Observa-se, que esse aspecto cristocêntrico faz convergir toda a espiritualidade desses cristãos em Cristo, ou seja, Jesus é a cabeça, onde todos estão unidos a Deus por meio Dele.³⁷

³⁴ GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. São Paulo: Vida Nova, 2011.

³⁵ **Terceiro Livro de São Teófilo de Antioquia a Autólico**. Disponível em: <<https://domvob.wordpress.com/2012/02/07/terceiro-livro-de-sao-teofilo-de-antioquia-a-autolico>> Acesso em 08 de novembro de 2016.

³⁶ SILVA, 2014.

³⁷ SILVA, 2014.

A característica carismática dessa espiritualidade se baseia no recebimento por parte do fiel, de algum Dom ou Dons que o Espírito Santo entrega a qualquer um que possa ter um chamado específico de Deus, e assim, esse membro exerce um papel importante na comunidade. De acordo com Fátima Silva é o Espírito Santo quem norteia a missão da igreja constituída por Cristo, encorajando-os a testemunhar o Jesus ressuscitado, e que os sinais e milagres que eles realizam através dos carismas recebidos, confirmam seus atos e palavras. É de comum conhecimento, que existem diferentes dons do Espírito Santo, mas todos têm um mesmo propósito, servir a comunidade eclesíástica.³⁸

Também possuíam uma espiritualidade escatológica, pois essas comunidades tinham a esperança de uma volta iminente de Jesus, tendo em vista que interpretavam a passagem de Apocalipse 20.1-10 de forma literal.³⁹

Escatologia é uma palavra traduzida do grego (eschaton) que significa o estudo do fim. Para se entender um pouco melhor as palavras de Fátima Silva, analisar-se-á a colocação de Stevens:

[...] os seguidores de Jesus na igreja primitiva não podiam esperar para que o futuro acontecesse. Eles sentiam a pressão do futuro como uma pressão positiva. Desenvolveram uma futurologia que estava relacionada à esperança certa de sua escatologia. Davam as boas-vindas ao futuro. Não queriam somente viver à luz do Fim, mas acelerar a vinda do Senhor Jesus. Criam que a segunda vinda era um propósito positivo para eles e para a criação de Deus, que toda sua visão de futuro estava moldada por uma perspectiva escatológica.⁴⁰

Em síntese, pode-se dizer que a espiritualidade escatológica dessa primeira comunidade eclesíástica foi assinalada pela esperança, onde esta fez com que esses cristãos estivessem sempre vigilantes e preparados para a vinda repentina de Cristo. Nota-se que não só o livro de Apocalipse, mas o Novo Testamento de modo geral, enfatiza mais o *estar pronto* que o *quando estar pronto*, por isso, este

³⁸ SILVA, 2014.

³⁹ SILVA, 2014.

⁴⁰ STEVENS, R. Paul. **A espiritualidade na prática**: encontrando Deus nas coisas simples da vida. Viçosa: Ultimato, 2006, p. 244.

era o motivo central da esperança escatológica dessa primeira comunidade cristã, ou seja, a segunda vinda iminente de Jesus Cristo.

Fátima Silva completa esta análise: “A expectativa escatológica marca o ritmo e o desenvolvimento das celebrações litúrgicas: ‘Vem, Senhor’, rezam os primeiros cristãos (Ap. 22,20)”.⁴¹ Todavia, esta oração, não significa pedir para deixar esta vida, ao contrário, aponta para se viver com fidelidade a Deus em todos os âmbitos da atividade humana, aguardando até que Ele, através de sua segunda vinda, leve a todos os seus para um lugar bem melhor.

Sobre a espiritualidade litúrgica, e tendo em vista a importância dada ao culto e à vida em comunhão dessa primeira comunidade cristã, pode-se entender esta, como uma forma inicial e fundamental de sua espiritualidade. Após a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C, o culto cristão foi tomando novas formas e se diferenciando da religião judaica. O Novo Testamento apresenta algumas formas dessa liturgia: reunir-se para orações (Mt 18:20; I Cor 14:23-26); reunião em casas particulares para o partir do pão e tomar as refeições que poderia ser a eucaristia (At 2:46); reunião litúrgica aos domingos (1Cor 16:2; At 20:7); o Batismo “em nome de Jesus Cristo” (At 2:38). Sabe-se pouco de outras formas litúrgicas presentes nessas primeiras comunidades, como por exemplo, a imposição das mãos, a penitência e a unção dos enfermos.⁴²

Logo, como ainda não existia um modelo para as liturgias cristãs primitiva, a liturgia foi tomando forma a partir dos cultos e festas dos judeus. Geralmente, a liturgia do culto era composta meditação da palavra, canção dos salmos, e a partilha entre os membros da comunidade. A eucaristia nesse momento da comunhão era de suma importância, pois denotava uma comunhão fraternal, mostrando assim, uma espiritualidade litúrgica nos sacramentos cristãos.

Concernente ao asceticismo como uma característica da espiritualidade cristã nas suas origens, pode-se entender o seguinte:

⁴¹ SILVA, 2014, p. 09.

⁴² SILVA, 2014.

A prática das virtudes era uma constante na vida dos primeiros cristãos e cristãs e, o martírio considerado como a máxima expressão de santidade. A caridade fraterna, a humildade, a paciência, a perseverança, a castidade e a obediência constituíam as bases do ascetismo neste período da história.⁴³

Observa-se que neste tipo de espiritualidade, muitos cristãos se entregaram às práticas de penitências com o intuito de mortificar o corpo e exaltar o espírito. Pois, desta forma, criam que poderiam viver uma vida mais piedosa, e, portanto, ser uma pessoa mais espiritual.

Por mais que a espiritualidade destacasse a pessoa individualmente, foi na comunidade que esses primeiros cristãos também compartilharam sua espiritualidade. Daí pode-se entender essa espiritualidade comunitária, a partir desses cristãos que procuravam manter a vida em comum como elemento essencial de sua espiritualidade. Logo, para eles, a união fraterna, na liturgia, no culto, na comunhão de bens e na rejeição das propriedades pessoais como é narrado em Atos 2:42-47 e 4:32-35, era uma expressão de uma legítima espiritualidade comunitária.⁴⁴

Assim, considera-se a espiritualidade cristã nas suas origens, baseada na espiritualidade de Jesus, como o ser, pensar e agir, onde aquela se transforma em espiritualidade comunitária. Portanto, vale ressaltar essas características da espiritualidade dos primeiros cristãos, pois através desta pode-se promover a oportunidade de se refletir sobre esses aspectos, e assim, tomar como paradigma a espiritualidade de Jesus Cristo, encontrando nele a centralidade, o modelo e o aperfeiçoamento de uma espiritualidade legítima e genuinamente comprometida com o ser humano como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que aqui foi analisado observamos que, para o desenvolvimento de uma espiritualidade e uma prática espiritual, sempre haverá um grande esforço

⁴³ SILVA, 2014, p. 10.

⁴⁴ SILVA, 2014.

e um trilhar que exigem muitos passos individuais, pois ninguém pode viver a espiritualidade do/a outro/a. Além do que, a espiritualidade é um processo contínuo e não se adquire de uma só vez, mas a cada dia o ser humano busca o caminho que responda aos anseios de sua vida, constituindo assim uma árdua tarefa para a vida cotidiana. Logo, uma espiritualidade genuína se manifesta através de ações autênticas, assinalado por valores que denotam segurança interior nos detalhes mais ínfimos das imposições do dia-a-dia.

Para tanto, cabe nesta pesquisa a contextualização da espiritualidade cristã, com base no amor demonstrado em Jesus Cristo e as características e exemplo de Paulo e da primeira comunidade cristã. Portanto, após uma breve análise bíblico-teológica com auxílio de diversos autores que abordam a temática, podemos afirmar que ainda hoje é possível encontrar princípios, que bem aproveitados, darão à espiritualidade cristã outro dinamismo, outro impulso. Não obstante, é necessário que a espiritualidade cristã venha dialogar diante dos desafios pós-modernos, tendo domínio de sua essência, conhecendo sua responsabilidade perante todos e todas que almejam em Deus o sentido fim de suas vidas.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Pat; ALEXANDER, David (Eds.). **Manual Bíblico SBB**. Tradução Lailah de Noronha. 2ª ed. Revisada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário Teológico**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.
- BETTO, Frei. **Um Deus muito humano: um novo olhar sobre Jesus**. São Paulo: Fontamar, 2015.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da graça: sua vida, cartas e teologia**. Tradução Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. 3ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FEE, Gordon D. **Paulo, o Espírito e o povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERREIRA, Franklin. **Servos de Deus**: espiritualidade e teologia na história da igreja. São José dos Campos: Editora Fiel, 2014.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.

LOPES, Augustus Nicodemus. **O ateísmo cristão e outras ameaças à Igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

LOPES, Hernandes Dias. **Paulo, o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009.

ROSA, Wanderley Pereira da. **O dualismo na teologia cristã**. A deformação da antropologia bíblica e suas consequências. Dissertação de Mestrado em Teologia. São Leopoldo: Faculdades EST, 2010. Disponível em: <http://www.tede.est.edu.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2010-03-08T103606Z-70/Publico/rosa_wp_tm214.pdf> Acesso em: 15 jun. 2016.

SILVA, Aparecida de Fátima. **Síntese histórica da espiritualidade cristã católica**: Caminhos do Espírito. Campinas, 2014.

STEVENS, R. Paul. **A espiritualidade na prática**: encontrando Deus nas coisas simples da vida. Viçosa: Ultimato, 2006.

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MÜLLER, Marisa Campos; SILVA, Juliana Dors Tigre da. **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Terceiro Livro de São Teófilo de Antioquia a Autólico. Disponível em: <<https://domvob.wordpress.com/2012/02/07/terceiro-livro-de-sao-teofilo-de-antioquia-a-autolico>> Acesso em 08 de novembro de 2016.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.